

# Uma reverência à *Meta-história* e a Hayden White:

o passado como sátira irônica e liberal em  
Sérgio Buarque de Holanda



Hayden White e Sérgio Buarque de Holanda. Montagem. S./d., fotografia (detalhes).

## *Julio Bentivoglio*

Doutor em História Econômica pela Universidade de São Paulo (USP). Professor do Departamento de História e do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). Co-organizador, entre outros livros, de *Do passado histórico ao passado prático: 40 anos de Meta-história*. Serra: Milfontes, 2017. juliobentivoglio@gmail.com

# Uma reverência à *Meta-história* e a Hayden White: o passado como sátira irônica e liberal em Sérgio Buarque de Holanda<sup>1</sup>

A reverence for *Meta-history* and Hayden White: the past as ironic and liberal satire in Sérgio Buarque de Holanda

Julio Bentivoglio

<sup>1</sup> Este artigo é uma homenagem ao professor Hayden White, falecido no dia 5 de março de 2018. Ele se destina a aplicar sua célebre tropologia à imaginação historiográfica da famosa geração de 1930 na historiografia brasileira, revelando sua pertinência para discutir a urdidura das narrativas feitas pelos historiadores. Servindo-me do aparato crítico desenvolvido por White em sua obra-prima *Meta-história*, procuro analisar a dimensão textual e estilística em Sérgio Buarque de Holanda, demonstrando que, para além dos aspectos teóricos metodológicos, as pesquisas históricas podem ser examinadas sob o viés literário ou narrativo e que esse modo de contemplá-las é uma das maiores contribuições do grande teórico norte-americano à teoria da história e à história da historiografia.

<sup>2</sup> Vários autores sublinham esta importância como PAUL, Herman. *Hayden White*. Cambridge: Polity, 2011; DORAN, Robert (org). *Philosophy of history after Hayden White*. New York: Bloomsbury, 2013; DOMANSKA, Ewa, ANKERSMIT, Frank & KELLNER, Hans. *Re-figuring Hayden White*. Stanford: Stanford University Press, 2009, e CÉZAR, Temístocles e ÁVILA, Arthur. Hayden White. In: BENTIVOGLIO, Julio e AVELAR, Alexandre de Sá. *A afirmação da história como ciência no século XX*. Petrópolis: Vozes, 2016.

<sup>3</sup> Cf. WHITE, Hayden. *Meta-história: a imaginação histórica no século XIX*. São Paulo: Edusp, 1995.

## RESUMO

Este texto se destina a analisar a poética e o estilo historiográfico presente em *Raízes do Brasil*, obra clássica de Sérgio Buarque de Holanda, em particular no capítulo “Trabalho & aventura”, à luz da tropologia proposta por Hayden White em seu *Meta-história*. Ele discute o acento satírico, liberal e irônico da narrativa de Holanda em sua representação histórica do passado colonial brasileiro. Trata-se de um artigo que se integra um projeto maior focado na imaginação histórica brasileira nos anos 1930 e 1940, do qual já foi produzido um primeiro ensaio sobre Caio Prado Júnior, publicado em 2005 na revista *Storia della Storiografia*.

**PALAVRAS-CHAVE:** Historiografia brasileira; Sérgio Buarque de Holanda; *Meta-história*.

## ABSTRACT

This text aims to analyze the poetics and the historiographical style in *Raízes do Brasil*, Sérgio Buarque de Holanda's classic work, particularly in the chapter “Trabalho & aventura” (Work & adventure), in the light of the tropology Hayden White proposes in his *Meta-history*. It discusses the satirical, liberal, and ironic accent in Holanda's narrative in its historical representation of the Brazilian colonial past. This article is a part of a wider project looking at the Brazilian historical imagination in the 1930s and 1940s, which has already produced a first essay about Caio Prado Júnior, published in the *Storia della Storiografia* journal in 2015.

**KEYWORDS:** Brazilian historiography; Sérgio Buarque de Holanda; *Meta-history*.



Não deve restar dúvida quanto ao fato de que talvez *Meta-história*, publicada em 1973 por Hayden White, seja uma das maiores contribuições já feitas à teoria da história de todos os tempos.<sup>2</sup> Obra seminal que iluminou a dimensão literária da história, localizando a importância da consciência e da imaginação históricas na urdidura das narrativas produzidas pelos historiadores, ao indicar que para além de seus fundamentos empíricos e científicos, haveria uma dimensão estética ou poética na História, responsável por conferir morfologias particulares.<sup>3</sup> Dimensão imprescindível para se entender a própria possibilidade de compreensão e de inteligibilidade das histórias como gênero textual particular. Dali por diante ficava claro que no bojo de toda história residiria uma teoria, ou antes, uma filosofia da história que procurava retratar o passado aos olhos e aos estilos das inquietações do presente e das escolhas realizadas pelos historiadores inscritas em suas narrativas.

Para Hayden White, as histórias possuem em seu interior uma *meta-história*; para além da mera busca do passado preservado nas fontes, cada texto histórico é uma tentativa de refiguração do passado, um exercício intelectual e uma factibilidade constituídos mediante a urdidura textual. Em outras palavras, pesquisa–conteúdo de toda história–, figurada em uma forma narrativa informada por uma consciência histórica particular. Artefato literário e historiológico que busca, em suas palavras,

*cumprir as promessas feitas, mais ou menos abertamente, não apenas de explicar (logos) passados específicos, mas também de fornecer, pela reflexão do passado efetivamente apresentado em uma prática de escrita específica, um tipo de conhecimento (sophia) – prudente, ou mesmo redentor – acerca de como viver uma vida cheia de sentido no aqui e no agora e sob condições que pareceriam, num primeiro ou até mesmo segundo relance, impossíveis de produzir sentido por elas mesmas.*<sup>4</sup>

Constructo textual *par excellence*, as histórias haviam escondido, ou pelo menos os historiadores não tinham se interessado, essa cicatriz de origem. Apesar das prescrições de Aristóteles, que já na *Poética* a identificava como um gênero narrativo mais ou menos curto, marcado por peripécias com um começo, meio e fim que retrataria indivíduos, eventos e ações que realmente existiram<sup>5</sup>; essa preocupação com a escrita da história deu lugar a indagações de ordem mais epistemológica ou metodológica que estética ou narrativa, desconsiderando que as formas e o conteúdo das narrativas eram também, a seu modo, parte integrante da própria explicação histórica. Não por acaso, Hayden White inauguraria uma nova filosofia para a história, capitaneando a constituição de uma nova e influente corrente historiográfica identificada, grosso modo, de narrativista.<sup>6</sup> Segundo White,

*As histórias (e as filosofias da história também) combinam uma certa quantidade de dados, conceitos teóricos, para “explicar” esses dados e uma estrutura narrativa que os apresenta como um ícone de conjuntos de eventos presumivelmente ocorridos em tempos passados [...] eles comportam um conteúdo estrutural profundo que é em geral poético e, especificamente, lingüístico em sua natureza, e que faz as vezes do paradigma pré-criticamente aceito daquilo que deve ser uma explicação eminentemente histórica. Esse paradigma funciona como o elemento “meta-histórico”.*<sup>7</sup>

Assim, as histórias, apesar de sua natureza científica, referendada pela pesquisa e análise de dados empíricos, só ganham existência graças à textualidade da narrativa. Devem sua existência a elementos léxicos, gramaticais, semânticos, sintáticos e pragmáticos das línguas em que são vasadas. Cada historiador mobiliza aspectos de cada um destes elementos para produzir suas histórias, às vezes consciente e às vezes inconscientemente. No exercício a seguir, por exemplo, demonstra-se o quanto Sérgio Buarque de Holanda, ao contrário de outros historiadores de seu tempo, tinha pleno domínio na escritura de suas histórias, inscrevendo nelas um estilo e uma intenção deliberada.<sup>8</sup>

Acompanhando Northrop Frye, Hayden White demonstrará que existem quatro estratégias fundamentais, que expressam os principais *tropos* da linguagem poética: metáfora, metonímia, sinédoque e ironia. Eles se articulariam a outros três tipos de estratégias mobilizadas pelos historiadores para construir o efeito explicativo de suas histórias, a saber: a explicação por argumentação formal, a explicação por elaboração de enredo

<sup>4</sup> WHITE, Hayden. Como não escrevi *Meta-história*. In: BENTIVOGLIO, Julio e TOZZI, Verónica (orgs). *Do passado histórico ao passado prático: 40 anos de Meta-história*. Serra: Milfontes, 2017.

<sup>5</sup> Cf. ARISTÓTELES. *Poética*. São Paulo: Abril Cultural, 1988.

<sup>6</sup> Sobre isso ver TOZZI, Verónica. *La historia según la nueva filosofía de la historia*. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2009, e ANKERSMIT, Frank. *Narrativismo y teoría historiográfica*. Santiago: Finis Terrae, 2013.

<sup>7</sup> WHITE, Hayden. *Meta-história*, op. cit., p.11.

<sup>8</sup> Provavelmente outros historiadores também tinham essa preocupação e essa consciência, de que o texto seria mais do que mera exposição de resultados de pesquisa. De todo modo, para Hayden White “Um estilo historiográfico representa uma combinação particular de modos de elaboração de enredo, argumentação e implicação ideológica [que] não podem ser indiscriminadamente combinados numa determinada obra”. Há afinidades eletivas entre eles, não combinações necessárias. Ver WHITE, Hayden. *Meta-história*, op. cit., p. 43.

<sup>9</sup> Cf. BENTIVOGLIO, Julio. Caio Prado Junior, the 1930s generation and the brazilian historical imagination: a metahistorical exercise. *Storia della Storiografia*, n. 61, 2014.

<sup>10</sup> WHITE, Hayden. *Meta-história*, op. cit., p. 28.

<sup>11</sup> Ver SÁ, Vera Borges de. A formação do Brasil contemporâneo por Caio Prado Jr: contexto, epistemologia e hermenêutica de um clássico da historiografia brasileira. *Humanidades, Ciências e Letras*, v. 2, n. 2, 1998.

<sup>12</sup> Ver BENTIVOGLIO, Julio e TOZZI, Verónica (orgs), op. cit.

<sup>13</sup> Ver ASSIS, Gabriella Lima de. *A estrutura da narrativa em Visão do Paraíso de Sérgio Buarque de Holanda*. Dissertação (Mestrado em História) – UFMT, Cuiabá, 2012.

<sup>14</sup> Cujá tradução foi recentemente publicada no Brasil. BENTIVOGLIO, Julio. A imaginação histórica brasileira no século 20: um exercício meta-histórico em Caio Prado Júnior. In: BENTIVOGLIO, Julio e TOZZI, Verónica (orgs), op. cit.

<sup>15</sup> Agradeço a leitura e as sugestões feitas pelo professor e amigo Hugo Merlo nesta parte crucial do texto.

<sup>16</sup> Diversos autores sublinham essa relação. Dentre eles destaco NICODEMO, Thiago. *Alegoria moderna: consciência histórica e figuração do passado na crítica literária de Sérgio Buarque de Holanda*. Tese (Doutorado em História) – USP, São Paulo, 2010.

<sup>17</sup> Cujá obra, ao lado das outras da famosa geração de 1930 não nasceram clássicas, mas “se tornaram clássicos” como sublinha FRANZINI, Fábio. A década de 1930 entre a memória e a história da historiografia brasileira. In: GONTIJO, Rebeca et. al (orgs). *Estudos de historiografia brasileira*. Rio de Janeiro: FGV, 2011, p. 265.

<sup>18</sup> É o que indicam, por exemplo, CANDIDO, Antônio. O significado de *Raízes do Brasil*. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995; MOTA, Lourenço Dantas (org.). *Introdução ao Brasil: um banquete no trópico*. São Paulo: Senac, 1999, e DIEHL, Astor. *A cultura historiográfica brasileira: década de 1930 aos anos 1970*. Passo Fundo: UPF, 1999.

<sup>19</sup> Uma marca importante do antiacademicismo modernista era a busca de textos menos empolados, que não abrissem mão da erudição, mas, que

e a explicação por implicação ideológica.<sup>9</sup> Para o teórico norte-americano,

*Dentro de cada uma dessas diferentes estratégias [há] quatro possíveis modos de articulação pelos quais pode o historiador alcançar uma impressão explicativa de tipo específico. Para os argumentos há os modos do formismo, do organicismo, do mecanicismo e do contextualismo; para as elaborações de enredo há os arquétipos da história romanesca, da comédia, da tragédia e da sátira; e para implicação ideológica há as táticas do anarquismo, do conservantismo, do radicalismo e do liberalismo. Uma combinação específica de modos constitui o que chamo de estilo historiográfico de determinado historiador ou filólogo da história.<sup>10</sup>*

Em rápida conversa com Hayden White – que lamentavelmente faleceu no início de 2018 –, em sua última passagem pelo Brasil, tive a oportunidade de sublinhar como seu imprescindível estudo poderia ser útil para se compreender os sentidos e os caminhos mais profundos percorridos pela historiografia brasileira na primeira metade do século 20; especialmente para analisar os traços da imaginação histórica modernista e a escrita da história empreendida por historiadores como Sérgio Buarque de Holanda, Gilberto Freyre e Caio Prado Jr. Da conversa surgiu a promessa que fiz a ele de levar a cabo esse projeto. Justiça seja feita, a primeira experiência nessa direção havia sido realizada por Vera Borges de Sá em 1998<sup>11</sup>, quando analisou a obra de Caio Prado Jr à luz da *Meta-história* whiteana. Tomei conhecimento da análise dela em 2016, quando preparava a publicação do livro *Do passado histórico ao passado prático*, resultado do evento realizado em outubro de 2013 em Vitória que contou com a presença de Hayden White e seus principais discípulos e interlocutores.<sup>12</sup> Quatro anos depois, a topologia de White seria utilizada por Gabriella Lima de Assis para analisar *Visão do paraíso*, de Sérgio Buarque de Holanda, autora que aprofundou essa análise em seu doutorado, o qual tive o privilégio de integrar a banca avaliadora.<sup>13</sup> Dito isto, neste artigo continuo o escrutínio que venho empreendendo sobre a geração de 1930<sup>14</sup>, tomando o capítulo “Trabalho & aventura” de *Raízes do Brasil*, cujo autor, Buarque de Holanda, guardadas as devidas proporções, está para a historiografia brasileira assim como White para a teoria da história mundial: é cânone, influente e de leitura obrigatória.

### Sérgio Buarque de Holanda e a consciência crítica do modernismo no Brasil<sup>15</sup>

É lugar-comum reconhecer a centralidade de Sérgio Buarque de Holanda na reinvenção da história e da historiografia brasileiras e seu vínculo com o modernismo.<sup>16</sup> Autor de obras e cuja presença destacada no curso de História da Universidade de São Paulo marcaram gerações e impactaram profundamente na escrita da história no Brasil.<sup>17</sup> De um certo modo, pode-se aventar um certo protagonismo de Holanda no processo de atualização ou de modernização no modo de se escrever história entre os historiadores brasileiros.<sup>18</sup> Não há dúvida quanto ao fato de que ao lado, sobretudo, de Gilberto Freyre e Caio Prado Jr., Sérgio Buarque teria sido responsável pelo uso de formas novas e modernas na representação do passado, tanto na adoção de novos estilos de escrita – incluindo aí a escrita ensaística e até um certo flerte com a coloquialidade<sup>19</sup> – quanto na introdução de novas teorias de pesquisa e análise do passado, mediante o uso de ferramentas

teóricas e conceituais recentemente produzidas, no âmbito da antropologia, da linguística, da sociologia e da filosofia.<sup>20</sup> A proposta de Sérgio Buarque de Holanda “aparentemente desprendida e quase remota, era condicionada por essas tensões [...] seu respaldo teórico prendia-se à nova história social dos franceses, à sociologia da cultura dos alemães, a certos elementos de teoria sociológica e etnológica também inéditos”.<sup>21</sup>

Para Marcos Costa, Sérgio Buarque de Holanda teria se convertido de crítico literário à historiador por conta da efervescência na atmosfera intelectual brasileira, em parte devido ao impacto do modernismo e da Semana de Arte Moderna em São Paulo, em parte por conta de ter presenciado eventos políticos excepcionais na Alemanha, onde esteve entre 1929 e 1930, relacionados à ascensão do fascismo e do nazismo, mas também no Brasil, por conta da ascensão de Getúlio Vargas e a posterior Revolução Constitucionalista de 1932 em São Paulo. Para Costa,

*A sua militância era uma militância intelectual, ou seja, se por um lado, não esteve presente nas manifestações de rua, por outro lado, militou incansavelmente na imprensa por meio da publicação de artigos e manifestos. Em 1936, escreveu Raízes do Brasil cujo teor político denunciava as permanências das raízes ibéricas e era uma verdadeira provocação, na ante-sala do Estado Novo (1937), ao conservadorismo e ao totalitarismo das elites brasileiras naquele momento.*<sup>22</sup>

No texto em que se baseia este breve estudo, “Trabalho & aventura”, segundo capítulo do livro *Raízes do Brasil* publicado em 1936, Holanda examina os primórdios da colonização portuguesa em terras tropicais brasileiras e a constituição de uma suposta civilização agrícola, articulando pares tensos e complementares: como terra e trabalho, trabalho e aventura, meticulosidade e acaso. Sérgio Buarque localiza estes contrastes na realidade histórica brasileira, ressaltando a interação entre estes pares e não a manifestação de pluralidades desconexas ou pólos antagônicos irreconciliáveis tiveram na experiência histórica colonial. Em suas palavras, “nas normas da vida coletiva podem assinalar-se dois princípios que se combatem e regulam diversamente as atividades dos homens. Esses dois princípios encarnam-se nos tipos do aventureiro e do trabalhador”.<sup>23</sup>

No capítulo em tela, patenteia-se a presença do que Holanda chamaria de éticas basilares na sociabilidade brasileira: o trabalho e a aventura. A sobrevivência na colônia e a produção de riqueza brotariam destes dois tipos inspirados na sociologia weberiana, que revelam a natureza profunda da economia e da sociedade brasileira.<sup>24</sup> “Entre estes dois tipos não há, em verdade, tanto uma oposição absoluta como uma incompreensão radical. Ambos participam, em maior ou menor grau, de múltiplas combinações e é claro que, em estado puro, nem o aventureiro, nem o trabalhador possuem existência real fora do mundo das idéias”.<sup>25</sup>

Pensando sempre nos diálogos possíveis entre a experiência histórica espanhola e portuguesa nas Américas, Sérgio Buarque evidencia que os portugueses realizaram uma “ocupação aventureira do solo”, não criando exatamente uma civilização agrícola, mas uma adaptação primitiva ao meio, do qual o trabalho escravo é o coroamento. O autor contrasta o trabalho forçado do negro africano escravizado com a aventura colonizadora e administrativa do branco europeu. Parece endossar tanto a tese de Karl Friedrich Von Martius do encontro das três raças<sup>26</sup>, reiterando o protagonismo europeu quanto a teoria da miscigenação e do abrandamento das

assumissem uma narrativa próxima do falar cotidiano. Algo característico nos ensaios produzidos nos anos 1930. Ver SANCHES, Dalton. *Entre formas hesitantes e bastardas: ensaio, modernismo e escrita da história em Raízes do Brasil* de Sérgio Buarque de Holanda (1920-1956). Dissertação (Mestrado em História) – UFOP, Mariana, 2013.

<sup>20</sup> CF. CANDIDO, Antonio, *op. cit.*, p.11.

<sup>21</sup> *Idem, ibidem*, p. 10. Essa posição tem conhecido interpretação diversa, aliás, oposta, quando se aponta, por exemplo, a influência dos ensaístas brasileiros, conhecidos por Fernand Braudel ou mesmo Claude Levi-Strauss que, entre outros, teriam levado essas referências para a teoria social francesa nomes como os de Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda.

<sup>22</sup> COSTA, Marcos (org.). *Por uma nova história: textos de Sérgio Buarque de Holanda*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004, p.15.

<sup>23</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de, *op. cit.*, p. 44.

<sup>24</sup> A esse respeito ver WAIZBORT, Leopoldo. Sobre os tipos em *Raízes do Brasil*. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, n.49, set. 2009.

<sup>25</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de, *op. cit.*, p. 44.

<sup>26</sup> Cf. MARTIUS, Karl Friedrich P. Von. Como se deve escrever a história do Brasil. *Revista Trimestral de História e Geografia / Jornal do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, t. 6, v. 6, n. 24, 1845.

<sup>27</sup> Autor cujo nome será apagado nas edições que sucedem a primeira, algo detectado por diferentes autores como percebeu Antonio Candido.

<sup>28</sup> CANDIDO, Antonio, *op. cit.*, p. 10.

<sup>29</sup> Cf. REIS, José Carlos dos. *Identidades do Brasil*. Rio de Janeiro: FGV, 2001, p.117. De qualquer modo, essa é uma ideia popular entre os conservadores durante o Estado Novo, herança da crítica de Tristão de Ataíde. Ver FARIA, Daniel. Realidade e consciência nacional. O sentido político do modernismo. *História*, São Paulo, v. 26, n. 2, 2007.

<sup>30</sup> Cf. EUGÊNIO, João Kenndy. *O outro Ocidente: Sérgio Buarque de Holanda e a interpretação do Brasil*. Dissertação (Mestrado em História) – UFF, Niterói, 1999.

<sup>31</sup> Boa amostra da produção germânica pode ser vista em BARBOSA, Francisco Assis (org.). *Raízes de Sérgio Buarque de Holanda*. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.

<sup>32</sup> Deve-se, contudo considerar ou matizar os modernismos no interior do modernismo, afinal, no Brasil o termo identifica, sobretudo, as vanguardas artísticas, enquanto que para os europeus ele compreende uma crítica e uma reação profundas, que, por exemplo, encontram em Charles Baudelaire um de seus principais representantes, quicá fundador. Na Europa, modernismo também pode significar o cientificismo característico *fin-de-siècle*. Apesar de problemática a discussão daqueles modernismos, ambos eram, fundamentalmente, críticos do romantismo e dos arcaísmos, sejam estéticos, sejam políticos. Quanto à sintaxe modernista brasileira, ver BENTIVOGLIO, Julio. A imaginação histórica brasileira no século 20: um exercício meta-histórico em Caio Prado Júnior, *op.cit.*

<sup>33</sup> Como se pode depreender, sobretudo do capítulo O sentido da colonização em PRADO JÚNIOR, Caio. *Formação do Brasil contemporâneo*. São Paulo: Brasiliense, p. 18 e 19.

<sup>34</sup> Cf. REIS, José Carlos dos, *op. cit.*, p.122.

<sup>35</sup> Robert Wegner destaca ainda, além de Weber, a presença de Dilthey na obra de Sérgio Buarque de Holanda. Deste último advém sua preocupação com o mundo da vida, com as vivências, com o recurso à hermenêutica em busca de recuperar o vivido. De Weber reconhecemos claramente o desencantamento do mundo e a preocupação com os valores. Ver WEGNER, Robert. Um ensaio entre o passado e o futuro. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006 (Edição comemorativa 70 anos. Organizada por Ricardo Benzaquen de Araújo e Lília Moritz Schwarcz). Pedro Meira Monteiro também se destacou ao analisar a presença de

relações sociais no Brasil de Gilberto Freyre.<sup>27</sup> Para Antônio Cândido, seria o livro que menos atuaria na imaginação dos jovens de seu tempo, visto estar “dominado pela descrença no liberalismo tradicional e [na] busca de soluções novas”<sup>28</sup> mais radicais, seja à direita com o integralismo, seja à esquerda, com os ideais marxistas.

*Raízes do Brasil* surgiu em um momento delicado da história política brasileira, marcado pela emergência da crítica ao autoritarismo da República Velha, de crise econômica provocada pela depressão de 1929 e de grande efervescência cultural diante do movimento modernista. Sérgio Buarque de Holanda, a título de exemplo, foi preso no Rio de Janeiro em 1932 quando após uma noite de bebedeira causou tumulto ao bradar por São Paulo e por uma Constituição. A crise da ordem oligárquica, contudo, foi incapaz de alterar profundamente as estruturas vigentes, mesmo com a ascensão de Vargas em 1930. Nas palavras de José Carlos Reis, isso colocou na ordem do dia o questionamento da realidade brasileira em nosso pensamento social.<sup>29</sup> Essa emergência de uma consciência crítica do passado e do presente no Brasil estimulou a produção intelectual e cultural, coroada pelo modernismo no plano da cultura e do pensamento. Nesse sentido, a interpretação que Sérgio Buarque de Holanda fez das origens e da trajetória histórica brasileira é realização estética de alto nível do modernismo e, ao mesmo tempo, um reflexo imediato das teorias sobre a modernização ou, em outras palavras, de superação dos entraves para o desenvolvimento do país.<sup>30</sup> Entender nossa formação para melhor compreender as condições para melhor atuação no presente era a tônica.

Sérgio Buarque de Holanda participou ativamente dos debates em torno do modernismo nas artes e na literatura brasileiras e respirou a modernidade européia, que presenciou de perto em Berlim e depois em Roma.<sup>31</sup> E o modernismo será um dos pilares naquela na sintaxe histórica brasileira, ao lado do liberalismo, da herança colonial e do nacionalismo.<sup>32</sup> Estruturas estruturantes a partir das quais se construíam as narrativas históricas possíveis. A relação de Sérgio Buarque de Holanda com o nacionalismo é bem mais característica, tal como a de Caio Prado Jr, mais voltada para questão da cultura nacional e não exatamente para os problemas políticos da nação, ou seja, com um recorte mais estético e literário dialogando criticamente com o modernismo.<sup>33</sup> A herança colonial é tema central da em sua obra; para ele o Brasil é, de algum modo, um novo Portugal, onde se acentuam vícios e virtudes, um Portugal ampliado, de problemas e tensões expostas à luz do sol. De algum modo, para Sérgio Buarque de Holanda, o Brasil ainda era mais arcaico e português do que supunham os brasileiros.<sup>34</sup>

Sua visão de mundo liberal advém, em grande medida, não somente de sua postura política e filosófica, mas, sobretudo, de sua adesão à sociologia liberal weberiana.<sup>35</sup> Para Hayden White, essas posições mais largas e metapolíticas não expressam, necessariamente, uma posição ideológica consciente ou assumida. Este autor sublinha que “as dimensões ideológicas de um relato histórico refletem o elemento ético envolvido na assunção pelo historiador de uma postura pessoal sobre a questão da natureza do conhecimento histórico e as implicações que podem ser inferidas dos acontecimentos passados para o entendimento dos atuais”.<sup>36</sup>

Em outras palavras, “assim como toda ideologia é acompanhada por uma ideia específica da história e seus processos, toda ideia da história é também [...] acompanhada por implicações ideológicas especificamente determináveis”.<sup>37</sup>

*Os liberais tendem a ver a mudança social através da analogia dos ajustes, ou sintomias finas, de um mecanismo. Como os conservadores, reconhecem que a estrutura fundamental da sociedade é bastante sólida, e que as mudanças ocorrem muitas vezes sem provocar alterações nas relações mais estruturais. A velocidade da mudança, por seu turno, para o liberal, segue um ritmo social dos debates parlamentares ou o ritmo do processo educacional e das disputas eleitorais. Eles imaginam um tempo no futuro em que essa estrutura terá sido melhorada, mas projetam esse estado utópico num futuro remoto, de modo a desencorajar no presente qualquer tentativa de concretizá-lo precipitadamente por meios radicais.*<sup>38</sup>

Se lembrarmos que a tropologia de Hayden White tem como premissa fundamental o problema da imaginação histórica europeia do século 19, cuja marca essencial é a presença do modernismo, ou de uma estética de representação nova ou moderna, evidencia-se o elo ou sua extensão à geração de 1930 e, em especial, com Sérgio Buarque de Holanda. Afinal para ele e seus colegas, imersos naquela atmosfera intelectual o desafio era pensar qual a melhor forma de entrar em contato com a realidade brasileira. No Brasil daquelas primeiras décadas do século 20 o modernismo era força viva a alimentar os principais debates. Nas artes, na política como nas ciências a relação entre o velho e o novo, em outras palavras, entre arcaico e moderno dava o tom.<sup>39</sup> Para Sérgio Buarque essa questão ia além, pois, ele se movia criticamente no interior do modernismo, distinguindo-se daqueles modernistas de 1922 que reagem “muitas vezes desajeitadamente, contra as concepções hierárquicas dos temas, dos sentimentos, das expressões literárias, introduzindo em suas composições o prosaísmo voluntário, a ironia e a anedota”.<sup>40</sup> Aqueles primeiros modernistas, talvez ainda estivessem prolongando o romantismo.<sup>41</sup> Teriam produziam simplificações aos olhos de Holanda, pois desconsideraram “a pesquisa do tradicional, do nacional, do regional, das artes e dos gostos populares, das manifestações localistas e folclóricas [...] inseparável do esforço de renovação”.<sup>42</sup> Reiterando erros do século 19, cujo grande pecado “foi justamente ter feito preceder o mundo das formas vivas do mundo das fórmulas e conceitos [...] Essa opinião enganosa tomou vulto depois de incentivada a crença no mito do progresso, com o êxito do comtismo, do spencerismo, do marxismo e de tantas ideologias semelhantes”.<sup>43</sup>

O fato é que o modernismo ocidental nos unia, criando formas de representação características, permitindo que estruturas semelhantes de elaboração de enredo ou figuras de estilo que foram usadas nos dois espaços historiográficos – europeu e brasileiro – apesar da distância de décadas e de milhares de quilômetros. No instante da prefiguração mental das estruturas de enredo, a imaginação histórica se alimentava dessas formas arquetípicas de produção narrativa que informavam o cenário intelectual no Ocidente. Forças de ruptura que começam a questionar as figurações narrativas tradicionais. Assim, o que valia para a imaginação histórica européia no século 19 seguia valendo na imaginação histórica brasileira da primeira metade do século 20. Leitor de James Joyce, T. S. Elliot no momento em que surgiam, Sérgio Buarque de Holanda estava em sintonia com esse sentimento e esse repertório. Hans Ulrich Gumbrecht já havia apontado que a crise da modernidade no início do século 20 havia provocado um retorno à concretude, ao senso de realidade<sup>44</sup>. Nas palavras Holanda, “trata-se agora de restituir à realidade e à vida tudo que ficara sepultado na poeira das palavras”.<sup>45</sup> Daí que “em *Raízes do Brasil* – ensaio

Weber em *Raízes do Brasil* em MONTEIRO, Pedro Meira. *A queda do aventureiro: aventura cordialidade e novos tempos em Raízes do Brasil*. Campinas: Unicamp, 1999. Sobre os usos da hermenêutica em Sérgio Buarque, ver CARVALHO, Raphael Guilherme de. *Hermenêutica e narrativa genética de Sérgio Buarque de Holanda em Raízes do Brasil* (1936). *Revista de Teoria da História*, n. 7, jun. 2012.

<sup>36</sup> WHITE, Hayden. *Meta-história*, op. cit., p. 36.

<sup>37</sup> *Idem*, *ibidem*, p. 38

<sup>38</sup> *Idem*, *ibidem*, p. 39.

<sup>39</sup> Cf. MORAES, Eduardo Jardim de. *A brasilidade modernista: sua dimensão filosófica*. Rio de Janeiro: Graal, 1978.

<sup>40</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Retórica e poesia* [1950]. In: *O espírito e a letra: estudos de crítica literária, 1947-1958*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, v. 2, p.166.

<sup>41</sup> “O curto período a que geralmente damos esse nome [moderno]”, diz Sérgio Buarque de Holanda, “não é mais que um pequeno segmento de uma grande curva: romantismo dentro do romantismo”. HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Romantismo e tradição* [1924]. In: *O espírito e a letra: estudos de crítica literária, 1947-1958*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, v. 1, p. 200.

<sup>42</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Depois da semana* [1952]. In: COSTA, Marcos (org.), op. cit., p. 95.

<sup>43</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Modernismo não é escola, é estado de espírito*. Conversa com Prudente de Moraes Neto e Sérgio Buarque de Holanda [1925]. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Sérgio Buarque de Holanda: entrevistas*. Organização de Renato Martins. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2009, p. 18.

<sup>44</sup> Cf. GUMBRECHT, Hans Ulrich. *The everyday and History*. In: LERER, Seth. *Literary history and the challenge of philology: the legacy of Erich Auerbach*. Stanford: Stanford University Press, 1996, p. 27.

<sup>45</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Retórica e poesia*, op. cit., p. 166. É, contudo, necessário sublinhar que essa volta à realidade se insere num campo

de disputas intelectuais vividas naquela época, em que os paulistas, por conta da Semana de Arte Moderna, defendem a fundação e o protagonismo, ao passo que os cariocas reivindicam anterioridade, localizada no chamado pré-modernismo, quando autores como Lima Barreto já reivindicavam esse retorno à vida e ao cotidiano.

<sup>46</sup> DIAS, Maria Odila Leite Silva. Introdução. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Sérgio Buarque de Holanda*. São Paulo: Ática, 1980 (coleção Grandes Cientistas Sociais), p. 27 e 28.

<sup>47</sup> CANDIDO, Antonio *apud* PRADO, Antonio Arnoni. *Itinerário de uma falsa vanguarda: os dissidentes, a Semana de 22, e o Integralismo*. São Paulo: Editora 34, 2010, p. 249.

<sup>48</sup> É o que sugere LAFETÁ, João Luiz. *A crítica e o modernismo*. São Paulo: Editora 34, 2000, p. 31 e 32.

<sup>49</sup> WHITE, Hayden. The burden of History. *History & Theory*, v.5, n. 2, 1966, p.127.

<sup>50</sup> WHITE, Hayden *apud* FOGU, Claudio. Figurando Hayden White na modernidade. In: BENTIVOGLIO, Julio e TOZZI, Verónica (orgs), *op. cit.*, p. 92 e 93.

<sup>51</sup> Cf. FOGU, Claudio, *op. cit.*

<sup>52</sup> WHITE, Hayden. Auerbach's literary history: figural causation and modernist historicism [1996]. In: *Figural realism: studies in the mimesis effect*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1999, p. 99.

<sup>53</sup> FOGU, Claudio, *op. cit.*, p. 98.

elaborado senão no ímpeto da primeira fase, iconoclasta, do modernismo brasileiro, pelo menos resultante de sua intervenção – a reflexão histórica tem a função, em larga escala, de identificar as raízes arcaicas e conservadoras que atravancavam os processos de modernização e democratização da sociedade brasileira”.<sup>46</sup>

Como sublinha Antonio Candido, *Raízes do Brasil* representou “o deslocamento crítico de Holanda ao modernismo brasileiro. Ele que denunciou um grupo do modernismo que compactuava com o conservadorismo”.<sup>47</sup> Tentar encontrar a realidade do passado brasileiro a partir da desconstrução de cânones históricos e literários e contemplando a constituição das práticas culturais formadoras da brasilidade.<sup>48</sup> Semelhantemente aos artistas modernos, que Sérgio Buarque de Holanda conhecia de perto, o historiador paulista procurou nesta obra aliviar o homem contemporâneo do fardo da história por meio da possibilidade de usar modos de representação renovados mais expressivos “para dramatizar a importância dos dados descobertos”.<sup>49</sup> Como revela Hayden White, afinal, a história seria exatamente isso:

*um discurso que destaca as congruências entre a resistência “modernista” de “nossa modernidade” para ser “representado em forma de relato, a prerrogativa inerentemente modernista dos meios de registro para fragmentar e manipular a realidade que eles registram a ponto de fazer o “evento, aparentemente documentado e sem equívocos, ininteligível virtualmente como evento”, e o desenvolvimento do que ele agora se refere como modernismo “cultural” ao invés de meramente “literário” dentro de uma representação para-histórica pós-moderna” que “coloca em suspenso a distinção entre o real e o imaginário”.*<sup>50</sup>

Refigurando o passado por meio de uma narrativa que se autonomiza em relação a ele, que não mais a legitima, a história firmaria um pacto com o futuro, depositando suas energias criativas e transformadoras na recepção por parte dos leitores e não na efetivação de verdades vindas do passado. Estas histórias modernas passaram a constituir, em si mesmas, seu próprio e diferente passado.<sup>51</sup> *Raízes do Brasil*, como toda representação da imaginação histórica modernista é assim. Concluindo, Hayden White advoga que “objetos históricos devem ser apreendidos somente na medida em que podem ser tomados como elementos de totalidades a que estão relacionados, da mesma forma que as figuras lingüísticas estão relacionadas ao seu complemento”.<sup>52</sup> Assim, a poética histórica modernista acabou se concentrando “naqueles aspectos das seqüências históricas que conduzem para a quebra, revisão ou enfraquecimento dos códigos dominantes” e através do privilégio do “emergente, episódico, anedótico, contingente, exótico, abjeto ou simplesmente inquietantes aspectos do registro histórico”.<sup>53</sup>

### **Raízes semânticas da colonização brasileira em Sérgio Buarque de Holanda**

No quadro 1 apresento a tropologia da geração de 1930 no Brasil consoante a proposta de Hayden White em *Meta-história*. Acompanhando Northrop Frye, ela indica que a elaboração de enredo se apresenta em diferentes níveis de sofisticação da imaginação histórica e da capacidade do historiador em dar forma à História. Assim, elaborações de enredo sob a égide romanesca seriam as mais simples, mais fáceis e elementares,

sendo mais elaboradas, sucessiva e respectivamente, a comédia, depois a tragédia e, como um tom mais rebuscado e refinado a sátira. Urdir sob a égide da sátira exigiria mais capacidade literária e ficcional do historiador. Assim, na elaboração romanesca existem claramente, heróis, adversários, um *clímax* no centro da trama e o triunfo do bem sobre o mal. Como se vê é uma das estruturas mais simples, posto que exige pouco do narrador ou do leitor para entender esse *plot*. E na sátira? Na sátira moderna (que não é uma paródia, posto que não se destina ao riso), não há herói ou vilão<sup>54</sup>, o *clímax* está diluído, porque tudo é tensão, tudo é polaridade e, por fim, a redenção é realizada na leitura, ou seja, o leitor deverá identificar se o bem triunfou ou não, embora, a rigor, ele não triunfe. Como na sátira de Sérgio Buarque de Holanda que acentua em seu *Raízes do Brasil* uma certa inclinação trágica.<sup>55</sup>

Quadro 1. A representação histórica da geração de 1930 no Brasil.

	<i>Modo de elaboração de enredo</i>	<i>Modo de argumentação</i>	<i>Modo de implicação ideológica</i>	<i>Tropo</i>
Oliveira Viana	Romanesco	Formista	Anarquista	Metáfora
Gilberto Freyre	Cômico	Organicista	Conservador	Sinédoque
Caio Prado Júnior	Trágico	Mecanicista	Radical	Metonímia
Sérgio Buarque de Holanda	Satírico	Contextualista	Liberal	Ironia

Os *tropos* de White não são tipos puros, estão mais para tipos ideais, que permitem gradientes de hibridismo, havendo apenas a predominância de um tropo em relação a outros, que o margeiam numa estrutura que poderíamos reputar gradativa. O fato é que os historiadores manifestam mais de um tropo na elaboração de sua narrativa, entretanto, apenas um será estruturante, ele vai ser mais presente que os demais. E o que a leitura do capítulo “Trabalho & aventura” revela? A predominância de uma história modelada em torno da sátira com argumentação contextualista, bem característica em historiadores inspirados no historicismo alemão, ideologicamente liberal apesar de apresentar traços aqui e acolá ora anárquicos, ora radicais, e cuja metáfora predominante é a ironia. Aliás, seria impossível vaziar uma história sob a sátira sem o recurso à ironia. E sátira boa é sempre inconclusa, deve procurar nas atitudes e nos sentimentos mais verdade que nos fatos.<sup>56</sup>

Para White predominando um tipo de metáfora como *tropo*, necessariamente este traria consigo outros *tropos* a ele vinculados, conforme a estrutura de encadeamentos pré-determinada. Desse modo, não seria possível construir uma argumentação predominantemente contextualista e vazada na ideologia liberal por meio outra estrutura de enredo que não fosse a sátira. Ou seja, como se tratam de estágios de maturidade intelectual e figurativos distintos, resultantes de elaborações mentais e imaginativas ora mais simples, ora mais complexas, isso resultará, em Sérgio Buarque de Holanda, numa narrativa que avança contextualizando, caso a caso, momento a momento, circunstancial, erudita e cirurgicamente personagens e episódios, defendendo uma posição liberal face ao narrado exatamente porque ele constrói suas histórias como sátiras profundamente irônicas. Como na passagem abaixo: “como explicar, sem isso, que os povos ibéricos mostrassem tanta aptidão para a caça aos bens materiais em outros continentes? Um “português”, comentava certo viajante em fins do século

<sup>54</sup> Cf. FRYE, Northrop. *Anatomia da crítica: quatro ensaios*. São Paulo: Realizações Editora, 2014, p. 375.

<sup>55</sup> Destaco alguns distanciamentos quanto ao enquadramento de Sérgio Buarque de Holanda junto à tropologia whiteana feita por ASSIS, Gabriella Lima de. *Raízes do paraíso: uma análise whiteana de Sérgio Buarque de Holanda*. Tese (Doutorado em História) – UFMT, Cuiabá, 2017. Para esta autora, ele vazaria suas históricas romancesadamente e sua implicação ideológica seria radical. Não obstante, trata-se da melhor análise sobre a obra de Hayden White com vista à sua aplicação prática já realizada no Brasil.

<sup>56</sup> Cf. WHITE, Hayden. *Meta-história, op. cit.*, p. 48.



<sup>57</sup> Ele se refere a James Murphy em seu *Travels in Portugal, through the provinces of Entre-Douro e Minho, Beira and Além-Tejo in the years 1789 and 1790*. Cf. HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*, 1995, *op. cit.*, p. 44.

<sup>58</sup> Esse flerte de Holanda com a hermenêutica romântica de Schleiermacher e de Dilthey é apontado por CARVALHO, Marcus Vinícius de. Outros lados: Sérgio Buarque de Holanda, crítica literária, história e política (1920-1940). Tese (Doutorado em História) – Unicamp, Campinas, 2003. Ver também WEHLING, Arno. Notas sobre a questão hermenêutica em Sérgio Buarque de Holanda. In: EUGÊNIO, João Kennedy e MONTEIRO, Pedro Meira (orgs.). *Sérgio Buarque de Holanda: perspectivas*. Campinas/Rio de Janeiro: Unicamp/Eduerj, 2008, e CARVALHO, Raphael Guilherme de, *op. cit.*

<sup>59</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de. Todo historiador precisa ser bom escritor. Entrevista a Richard Graham [1982]. In: *Sérgio Buarque de Holanda: entrevistas*, *op. cit.*, p. 208.

XVIII, “pode fretar um navio para o Brasil com menos dificuldade do que lhe é preciso para ir a cavalo de Lisboa ao Porto”.<sup>57</sup>

Sérgio Buarque não é radical, porque radical de fato, naquela geração foi Caio Prado Jr, para o qual o Brasil deveria e necessariamente haveria de mudar. Como defendo em meu texto publicado na *Storia della Storiografia*, Caio Prado urdia sob a égide trágica, argumentava mecanicamente e valendo-se de recursos figurativos metonímicos, nos quais, as partes explicavam o todo e vice-versa.<sup>58</sup> Vale dizer ainda que, Sérgio Buarque tem ligeiras virtudes narrativas do ponto de vista estilístico, não porque Caio Prado escrevesse mal, mas porque Sérgio era dotado de melhores dotes literário-argumentativos. Ele tem um estilo sofisticado e maduro que domina e controla o uso da escrita, fazendo-a chegar aos limites de suas possibilidades; não narrando de forma simples, objetiva ou direta. Suas linhas têm complexidades que impõem alguma dificuldade ao leitor, evitando ligações diretas entre texto e pensamento, fugindo de compreensões fáceis ou elementares. E deixando muitos espaços para a reflexão, a crítica ou a discordância do leitor. Sérgio não quer persuadir, mas conduzir o leitor por labirintos elegantes, encantando e desafiando. Ele nos convida à reflexão e a ver como, contraditoriamente, às vezes o herói é visto como vilão e o vilão como herói, mas, ao fim e ao cabo, todos são derrotados pelo tempo e pelo espaço. No Brasil não houve triunfo do bem sobre o mal ou da virtude sobre o vício e Sérgio Buarque de Holanda tinha convicção disso. Talvez esse seja um ponto de convergência em ambos, afinal, para eles, o destino do Brasil, ou seja, o presente em que viviam, era trágico. Eles também compartilhavam a emergência de uma autoconsciência teórica questionadora do realismo histórico da historiografia tradicional. Uma nova consciência histórica que em meados dos anos 1920 e 1930 redimensionou o espaço de experiência e o horizonte de expectativas perceptível nas elaborações e sínteses do pensamento social brasileiro que surgiam como uma reação à história e às interpretações tradicionais do passado. Naquele momento ensaios interpretativos se impuseram às histórias políticas factuais.

A própria cordialidade é um ardil, ou seja, ela se revela como sarcástica, posto que é estratégia interesseira de agregar o divergente. O aventureiro e o trabalhador na colônia produziram o brasileiro do Brasil independente, um povo controverso, ambíguo, irresoluto. Portugueses do descobrimento e bandeirantes da expansão da fronteira são heróis irônicos, quixotescos, frustrados. Aliás, Sérgio Buarque de Holanda destacou que pretendia rever os heróis do passado. Estava em jogo, para ele,

*acima de tudo, a quebra do formalismo das velhas tradições. Em estudos de folclore, os modernistas dirigiram sua atenção para o interior do Brasil, longe das cidades europeizadas. Tornando os negros o objeto de sua arte, eles declararam que não somente os brancos eram brasileiros. Eu trouxe estas preocupações para dentro do meu trabalho histórico, bem como para todos os demais. Raízes do Brasil foi uma tentativa de fazer algo novo, para quebrar com a glorificação patriótica dos heróis do passado, para ser crítico.*<sup>59</sup>

O primeiro ponto é notar como Sérgio Buarque se afasta das tradicionais histórias romanescas. Isso é perceptível na dificuldade de identificarmos, claramente, quem são os vilões ou heróis retratados naquele Brasil colonial de Sérgio Buarque de Holanda em “Trabalho & aventura”. Em Caio Prado Jr., os portugueses são vilões, posto que exploravam negros,

índios e brasileiros pobres na Colônia. Em Sérgio não é, em absoluto, do mesmo modo. Ironicamente, para ele, os portugueses são desterrados em sua própria terra, afinal não havia Brasil e tudo aqui eram terras do Reino. Não obstante, deixar a terra natal e deslocar-se para terra distante, com clima adverso e sem as comodidades antigas era em si, o que se poderia chamar de exílio voluntário para uns e obrigatório para outros. Seus tipos humanos são complexos e contraditórios, ironicamente. Como em toda sátira de norma baixa, a colônia de Sérgio Buarque é cheia de anomalias, injustiças e disputas permanentes. “Seu princípio é o de que qualquer um que deseje manter seu equilíbrio num mundo assim deve aprender, antes de mais nada, a manter seus olhos abertos e sua boca fechada. Conselhos de prudência, instando o leitor a adotar, de fato, um papel de *eyron*, têm tido destaque na literatura desde o Egito antigo”.<sup>60</sup>

Sua narrativa emula a vida nua e crua, sem fantasias, na qual expressa uma clarividência sobre a natureza humana, evitando-se qualquer tipo de ilusão ou adesão aos personagens, apresentados de maneira surpreendente. Lembremo-nos de que, para White,

*a sátira representa uma espécie diferente de restrição às esperanças [...] ela observa essas esperanças, possibilidades e verdades ironicamente, na atmosfera gerada pela percepção de inadequação última da consciência para viver feliz no mundo ou compreendê-lo plenamente. [...] Como fase na evolução de um estilo artístico ou de uma tradição literária, o advento do modo satírico de representação assinala uma convicção de que o mundo envelheceu.*<sup>61</sup>

## Do passado como ironia e da história como sátira

A sátira é uma *satura*, uma costura miscelânea, modo ficcional da ironia que obtém seus efeitos na recusa de coerências imediatas entre enunciado e enunciação, entre passado e relato histórico e seu tom mais geral. Seu tom pode ser mais liberal ou mais conservador. Ela será liberal “se vazada num tom otimista, conservadoras se vazada num tom resignado”.<sup>62</sup> Nela predomina o ceticismo e a visão crítica da história e do mundo, dando azo ao relativismo e ao relaxamento da ética. Ironia militante, suas normas morais são claras e procura controlar o grotesco e o absurdo.<sup>63</sup> Bom satirista, Sérgio Buarque de Holanda confirma que toda seleção de fatos é, mais que uma escolha técnica ou política, um ato moral. Guardando em seu interior o contraste, a sátira não é uma denúncia pura ou evidente, antes é surpresa, acaso e humor, afinal, como aponta Northrop Frye, nos entediamos ouvindo pessoas serem elogiadas.<sup>64</sup>

Ou o narrador ou um personagem aparece como uma pessoa boa e honesta em contraste aos vários *alazons*, ou falsos pretendentes, da sociedade. “Na sátira de norma baixa o *alazon* é um Golias enfrentado por um pequeno Davi, com suas pedras rápidas e de destino certo, um gigante enfrentado por um inimigo frio e observador”.<sup>65</sup> Para Northrop Frye, a sátira representa “a colisão entre uma seleção de padrões retirados da experiência e a sensação de que a experiência é muito maior do que qualquer conjunto de crenças a respeito dela”.<sup>66</sup>

Sérgio é contextualista porque é um adepto do historicismo alemão, alicerçado na premissa da singularidade histórica em que os fenômenos só podem ser compreendidos em sua própria realidade e lógica, hermenêuticamente: o todo explicando as partes e as partes explicando o todo.

<sup>60</sup> FRYE, Northrop, *op. cit.*, p. 372.

<sup>61</sup> WHITE, Hayden. *Meta-história*, *op. cit.*, p. 25.

<sup>62</sup> *Idem, ibidem*, p. 43.

<sup>63</sup> Cf. FRYE, Northrop, *op. cit.*, p. 369.

<sup>64</sup> *Idem, ibidem*, p. 370.

<sup>65</sup> *Idem*.

<sup>66</sup> *Idem, ibidem*, p. 376.

<sup>67</sup> DIAS, Maria Odila Leite Silva, *op. cit.*, p. 37.

<sup>68</sup> WHITE, Hayden. *Meta-história*, *op. cit.*, p. 33.

<sup>69</sup> A sua síntese seria a cordialidade.

<sup>70</sup> WHITE, Hayden. *Meta-história*, *op. cit.*, p. 33.

<sup>71</sup> Bem ao gosto da teoria de Dilthey. Ver DILTHEY, Wilhelm. *Introdução às ciências do espírito*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

<sup>72</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*, 1995, *op. cit.*, p. 48.

<sup>73</sup> *Idem, ibidem*, p. 56.



Em momentos isolados, aqui e acolá na leitura notamos a verve cômica e a argumentação organicista, muito embora esta seja a tropologia que predomina em outro autor, Gilberto Freyre. Não é à toa que Sérgio Buarque passou dois anos na Alemanha e conhecia bem Ranke, Dilthey, Simmel e Weber. Conforme Maria Odila Leite Silva Dias, “A partir do convívio intelectual – durante a estada na Alemanha, entre 1929-1930 – com Friederich Meinecke, professor na Universidade de Berlim, Sérgio Buarque aderira a “um modo de ser historista”, que consistia basicamente em ver na vida dos homens em sociedade configurações de momento, conceitos temporários de vida, valores culturais relativos, em processo de mudança”.<sup>67</sup>

Os contextualistas apreendem o campo histórico como uma grande trama a ser tecida cuidadosamente, captando-se “as inter-relações funcionais entre os agentes e as agências que ocupavam o campo num dado momento”.<sup>68</sup> Unindo e entrelaçando os fios que ligam os indivíduos às instituições, aos contextos, às relações sociais, em busca de tendências, a fim de tratar um perfil mais claro ou uma fisionomia mais geral<sup>69</sup>. “Os fios são identificados, estendidos para fora, na direção do espaço natural e social circundante dentro do qual ocorreu o evento, e estendidos para trás no tempo, a fim de determinar as origens do evento, e para a frente no tempo, a fim de determinar seu impacto e influência sobre eventos subseqüentes”.<sup>70</sup>

Encontrar os nexos, como desejavam Humboldt e Droysen, buscando nos aspectos mais fugidios ou dispersivos sua vinculação a contextos específicos. Ao fim e ao cabo o contextualista acaba por compor grandes sínteses, ou representações sincrônicas do passado, quase como uma cosmovisão: *weltanschauung*.<sup>71</sup> Isto porque é hostil às formulações ingênuas de mecanicistas, organicistas e formistas.

Em relação à exploração do trabalho indígena, por exemplo, Sérgio Buarque de Holanda assinala que “os antigos moradores da terra foram, eventualmente, prestimosos colaboradores na indústria extrativa, na caça, na pesca, em determinados ofícios mecânicos e na criação de gado”.<sup>72</sup> Análise, inclusive, que os portugueses enalteciam ou pelo menos tinham maior tolerância com as uniões entre brancos e índios que entre brancos e negros escravizados apelando para mais um exemplo pontual e contextualizado:

*Longe de condenar os casamentos mistos de indígenas e brancos, o governo português tratou, em mais de uma ocasião, de estimulá-los, e é conhecido o alvará de 1755, determinando que os cônjuges, nesses casos “não fiquem com infâmia alguma, antes muito hábeis para os cargos dos lugares onde residirem não menos que seus filhos e descendentes, os quais até terão preferência para qualquer emprego, honra ou dignidade, sem dependência de dispensa alguma, ficando outrossim proibido, sob pena de procedimento, dar-se-lhes o nome de caboclos, ou outros semelhantes, que se possa reputar injuriosos”.*<sup>73</sup>

Um segundo aspecto característico em “Trabalho & aventura” já mencionado é presença da ironia. A ironia de Sérgio Buarque é profunda, extensa e permanente ao longo deste capítulo e do livro. Ela desafia as habilidades do leitor. Para Sérgio Buarque de Holanda, durante a colonização, éramos todos cativos do Brasil, negros, índios ou portugueses. Tratava-se de um território pensado como um ponto de disjunção, posto que é júbilo e martírio ao mesmo tempo. Uma terra exuberante, mas temerária, que alimenta vícios e virtudes (vide os sentimentos controversos despertados pela terra em *Visão do paraíso*). Por conseguinte, a combinação entre o espaço e a

sociedade colonial seria resultado de instintos colonizadores contraditórios que mesclavam a aventura e o trabalho, em um amálgama heterotópico de relações ambíguas, conflituosas e irresolutas. Que são opressivas, mas que preservam brechas capazes de aceitar a exceção e dela fazer publicidade, lançando ares de permissiva ou tolerante, quicá de cordial. Uma sociedade fugidia, dada a ardis e, por causa disso, a incompreensões.

Por que Holanda não é radical? Porque ele não prega a superação, não tem uma receita, seu herói não é onisciente, ele não conhece o futuro. O de Caio Prado sim. Em Holanda você não pode culpar quem é vítima, porque os homens vivem em dois mundos, ou, para ser mais exato, num mundo bipolar: por um lado morto e por outro tentando vir à luz. O herói de Sérgio Buarque não venceu e tampouco ele diz que vai vencer: o paulista não é radical, não é anarquista, não é conservador: isso é ironia. Sua visão do europeu não é das mais lisojeiras; afinal, “o que os portugueses vinham buscar era, sem dúvida, a riqueza, mas riqueza que custa ousadia, não riqueza que custa trabalho”.<sup>74</sup> Tentar altos ganhos com o menor sacrifício. Para Holanda, essa “exploração dos trópicos não se processou, em verdade, por um empreendimento metódico e racional, não emanou de uma vontade construtora enérgica; fez-se antes com desleixo e certo abandono. Dir-se-ia mesmo que se fez apesar de seus autores”.<sup>75</sup>

Sérgio Buarque expressa uma consciência histórica sinedótica em diferentes momentos, mas, nele predomina a ironia, para que a estrutura tropológica ou estilo seja realmente demarcado. Quem era predominantemente sinedótico era Gilberto Freyre. Porque Holanda não trabalha exatamente com fragmentos simplesmente para expressar uma totalidade, ele os toma destacando suas ambigüidades, como dualidades que marcam a essência daquilo que procuram representar. Nada é uno, tudo parece estar cindido, dividido. Tratando da grande lavoura, ele a descreve com algum desdém: “Em realidade, só com alguma reserva se pode aplicar a palavra ‘agricultura’ aos processos de exploração da terra que se introduziram amplamente no país com os engenhos de cana”.<sup>76</sup> Em resumo assinala que o Brasil não foi teatro de nenhuma grande novidade.<sup>77</sup>

Ao citar a experiência colonizadora holandesa, Sérgio Buarque traça longa descrição da pompa, do zelo administrativo, das edificações no Recife, dos empreendimentos culturais e científicos introduzidos pelos flamengos para mais adiante declarar que se restringiam ao espaço urbano não alcançando o meio rural e que “o esforço dos conquistadores batavos limitou-se a erigir uma grandeza de fachada, que só aos incautos podia mascarar a verdadeira, a dura realidade econômica em que se debatiam”.<sup>78</sup> Como aponta Northrop Frye, vê-se nas descrições buarqueanas emoções esquisitas na qual seus personagens são como o *alazon* grego, impostores que fingem ser o que não são. Ao fim e ao cabo porque, português ou holandês, nenhum europeu seria merecedor de louros por sua engenhosidade por serem protagonistas na colonização. Ironista, Sérgio Buarque de Holanda toma a vida exatamente como ela é, nem mais, nem menos, fabulando “sem moralizar, e não possui outro objeto além de seu assunto”.<sup>79</sup> Ironista refinado, o historiador paulista não torna suas ironias manifestas. Preservando-as na opacidade, busca leitores e interlocutores elevados, que as identifiquem ou as decifrem. A propósito, como ressalta Frye, “A ironia olha para a tragédia de baixo para cima, a partir da perspectiva moral e realista do estado de experiência. Ela ressalta a humanidade de seus heróis, minimiza a sensação de inevitabilidade ritual na tragédia,

<sup>74</sup> *Idem, ibidem*, p. 49.

<sup>75</sup> *Idem, ibidem*, p.43.

<sup>76</sup> *Idem, ibidem*, p.49.

<sup>77</sup> *Idem, ibidem*, p. 53.

<sup>78</sup> *Idem, ibidem*, p. 63.

<sup>79</sup> FRYE, Northrop, *op. cit.*, p. 155.

<sup>80</sup> *Idem, ibidem*, p. 385.

<sup>81</sup> WHITE, Hayden. *Meta-história*, *op. cit.*, p. 51.

<sup>82</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*, 1995, *op. cit.*, p. 49.

<sup>83</sup> CEREJEIRA, Manoel Gonçalves *apud* HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*, 1995, *op. cit.*, p. 54.

<sup>84</sup> *Idem, ibidem*, p. 47.

<sup>85</sup> Acompanhamento NICODEMO, Thiago. Sérgio Buarque de Holanda (1902-1982). In: PARADA, Maurício (org.). *Os historiadores clássicos da história do Brasil*. Rio de Janeiro: Vozes, 2018, p. 301.

fornece explicações sociais e psicológicas para a catástrofe e faz que a miséria humana pareça, o máximo possível, conforme a frase de Thoreau, ‘supérflua e evitável’.<sup>80</sup>

Abusando de figuras de linguagem como a catacrese e o paradoxo, Sérgio Buarque de Holanda conduz seu leitor por labirintos em que opõe forma e conteúdo, referência e significado e

*representa assim um estágio da consciência que reconhece a natureza problemática da própria linguagem [...]. Na ironia a linguagem figurada torna a dobrar-se sobre si mesma e põe em questão suas próprias potencialidades para distorcer a percepção. É por isso que as caracterizações do mundo vazadas no modo irônico são amiúde consideradas intrinsecamente refinadas e realistas. Parecem assinalar a ascensão do pensamento, numa dada área da investigação, a um nível de autoconsciência no qual se torna possível uma conceptualização do mundo e seus processos verdadeiramente esclarecida, isto é, autocrítica.*<sup>81</sup>

Amostra disso pode ser vista na passagem abaixo, quando ao tratar dos rendimentos da empresa açucareira na Colônia assinala que “os lucros que proporcionou de início, o esforço de plantar a cana e fabricar o açúcar para mercados europeus, compensavam abundantemente esse esforço – efetuado, de resto, com as mãos e os pés dos negros –, mas era preciso que fosse muito simplificado”.<sup>82</sup>

Acerca dos escravos, apontará a existência da escravização na própria metrópole, reproduzindo fala de Manoel Gonçalves Cerejeira que assinala: “em Lisboa os escravos e escravas são mais que os portugueses [...] chega-me a parecer que os criam como quem cria pombas para ir ao mercado”.<sup>83</sup> Discute ainda a aversão dos portugueses por determinados tipos de trabalho. Menciona, por exemplo, que o conhecido hábito brasileiro de auxílio mútuo nos mutirões para levantar casa ou derrubar mato, era motivado mais pela cachaça e pelas danças que pelo amor ao trabalho ou ao espírito de solidariedade. Ainda nessa direção sentencia: “o preconceito com o trabalho manual, os ofícios mecânicos, os jornaleiros, no Brasil, eram sempre de condição social inferior, sobretudo escravos, não acompanhando a estrutura europeia das corporações”.<sup>84</sup>

Eis, em traços mais gerais as ironias do passado colonial brasileiro apresentadas sob a égide da sátira em *Raízes do Brasil*. Resta destacar, que Sérgio Buarque de Holanda não está avaliando com ironia, apenas a sociedade da Colônia, mas, indiretamente, toda a historiografia tradicional e seu realismo ingênuo incapaz de perfurar a superfície factual e política dos eventos. Insurgindo-se contra as construções historiográficas tradicionais e desconstruindo-as, do alto de sua erudição e munido do arsenal crítico do modernismo e do historicismo, tornando complexas questões aparentemente banais e lançando luz nova luz sobre a história do Brasil nos primeiros séculos da chegada dos portugueses, Holanda abre um novo capítulo na historiografia nacional.

*Raízes do Brasil* é, assumidamente, um ensaio modernista, cujo tema central, o passado da colônia, rompe com uma concepção de história arcaica que insistia no meio historiográfico em transformação. Fugindo das famigeradas rupturas ou revoluções, destacará permanências e mudanças como algo natural. E mais do que isso, ele destaca o inacabamento daquele passado colonial que se estende até o presente.<sup>85</sup> Valendo-se dos recursos característicos das estruturas narrativas satíricas, lançando mão

de diminuições, inflações e justaposições, a fim de tornar importantes ou desimportantes personagens, eventos ou aspectos do passado de maneira inovadora e original, o célebre historiador paulista construiu uma paródia sofisticada de história, atenta aos detalhes e ao sentido profundo das práticas e idéias presentes na colônia, sintetizadas em seu ensaio, que de início conheceu poucos entusiastas, mas que viria a ser uma das mais importantes, senão a mais importante interpretação da história do Brasil. Nas palavras de Robert Wegner,

*Sérgio Buarque construiu uma narrativa na qual alterna a descrição de eventos particulares com generalizações interpretativas [...] o autor analisa suas generalizações a partir de diferentes perspectivas, ora lhes atribuindo sinal positivo, ora negativo, lembrando uma variação no ângulo de visão [...] comparando com o que seria um olhar para trás com um olhar adiante, o livro chama a atenção para mudanças avassaladoras na sociedade brasileira e, ao mesmo tempo, recupera elementos da tradição.<sup>86</sup>*

A respeito de sua compreensão particular da história o próprio autor de *Raízes do Brasil* dirá:

*não pertence, em verdade, ao ofício do historiador, assim como não lhe pertence o querer erigir altares para o culto do passado, desse passado posto no singular, que é palavra santa, mas oca. Se houvesse necessidade de forçar algum símile, eu oporia aqui à figura do taumaturgo a do exorcista. Não sem pedantismo, mas com um bom grão de verdade, diria efetivamente que uma das missões do historiador, desde que se interesse nas coisas do seu tempo – mas em caso contrário ainda se pode chamar historiador –, consiste em procurar afugentar do presente os demônios da história. Quer isto dizer, em outras palavras, que lúcida inteligência das coisas idas ensina que não podemos voltar atrás e nem há como pretender ir buscar no passado o bom remédio para as misérias do momento que corre.<sup>87</sup>*

Provavelmente na trilha de Jacob Burckhardt, Sérgio Buarque de Holanda não via o passado como algo em desenvolvimento, tão somente como momentos que adquirem maior ou menor brilho e intensidade<sup>88</sup>; posto que o movimento do tempo, das coisas e das pessoas não obedece a uma lógica teológica ou metafísica. E acompanhando Montaigne reconhecerá que tudo é exatamente como é, nem mais, nem menos e a suposta importância de certas coisas é tão somente atribuição do capricho, ou da vaidade. Escrever história seria reconhecer, com humildade, o caráter provisório tanto do passado quanto da capacidade dos historiadores de refigurá-lo por meio de suas narrativas, provavelmente, porque a História também seria um resultado não muito feliz e nem sempre bem-acabado da relação entre trabalho e aventura.

*Artigo recebido em novembro de 2018. Aprovado em dezembro de 2018.*

<sup>86</sup> WEGNER, Robert, *op. cit.*, p. 337.

<sup>87</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de. Modernismo não é escola, é estado de espírito. Conversa com Prudente de Moraes Neto e Sérgio Buarque de Holanda [1926], *op. cit.*, p. 22.

<sup>88</sup> Cf. WHITE, Hayden. *Meta-história*, *op. cit.*, p. 241.